

Source text (in Portuguese)

Análise documental da política pública educacional: fundamentos da abordagem quadripolar de Paul de Bruyne

Rosemary Lopes Soares da Silva 

Pedagogical Coordinator of the Secretary of Education of the State of Bahia.
E-mail: roselsoares@yahoo.com.br

RESUMO. Explicitar as técnicas e procedimentos, os conceitos e categorias com as quais a interpretação do objeto estudado, qual seja – documentos relativos a Política da Educação Profissional Técnica de Nível Médio – implementada na Bahia / Brasil, especificamente, a referência quanto a abordagem quadripolar de Paul de Bryne (1977), que conferiu a densidade teórico-metodológica do objeto estudado na relação com os polos epistemológicos, teóricos, técnicos e morfológicos. Nesta perspectiva, concorda-se com Gamboa (1987), no sentido de que, a realização de uma pesquisa não é o cumprimento de “ritualismo metodológico” com um “modismo teórico” para não repetir o que comumente acontece nas pesquisas em educação, de maneira progressivamente mais intensa, de tentativas ecléticas que juntam aleatoriamente técnicas, métodos e referenciais teóricos sem uma clara compreensão dos fundamentos epistemológicos e das implicações filosóficas dos diversos caminhos do conhecimento.

INTRODUÇÃO

O movimento¹ realizado na pesquisa² está apoiado na abordagem teórico-metodológica e no processo discursivo³ da dialética materialista histórica, explicitada a seguir, que articulou o objeto de estudo – a política de educação profissional técnica de nível médio na Bahia (EPT) e a formação dos sujeitos egressos dos cursos técnicos – com a dinâmica do Estado capitalista e sua particularidade no Brasil. Apoiei-me na abordagem metodológica quadripolar de Paul Bruyne (1977), a partir de seu pressuposto de que as Ciências Sociais, centradas numa análise das condições de produção do saber, operam uma indispensável tomada de consciência metodológica pela elucidação dos mecanismos da pesquisa.

Longe de reduzir a metodologia a uma abordagem privilegiada ou apenas à operação técnica de coleta de dados, [...] a prática científica, ao pretender construir progressivamente seu objeto, desenvolve-se numa estrutura a partir de quatro polos: epistemológico, teórico, morfológico e técnico. Essas diferentes instâncias metodológicas com exigências próprias, não representam momentos separados da pesquisa, mas articulam-se em cada uma das abordagens que ela segue. (Bruyne, 1977; s/n)

Se se quer chegar a um verdadeiro conhecimento da realidade social, é necessário captá-la em sua própria produção, isto é, na ação, considerando essa última nela mesma, em sua efetuação, e não em seus efeitos (Bruyne, 1977, p. 10).

¹ Movimento é compreendido a partir de Cheptulin (2004, p. 165) como a passagem constante da matéria de um estado estável a outro, com o aparecimento de novas formações que se substituem. A questão que se coloca é a de saber qual é a tendência de todas essas transformações, qual é o sentido do movimento e o que aparece no lugar das formações materiais que desapareceram.

² Este texto faz parte da tese: “Políticas de Educação Profissional de Nível Médio na Bahia 2007-2014: contradições entre a “promessa inclusiva” e a prática social”. Defendida em fevereiro de 2018 no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³ Bruyne (1977, p.66) descreve o processo discursivo da dialética como uma abordagem *imane*nte a um conteúdo, que busca as causas internas de seu desenvolvimento, suas contradições; essas causas internas são a razão das mudanças, enquanto as causas externas constituem apenas condições acidentais das mudanças. [...] O método dialético só se realiza plena e rigorosamente na captação total do movimento histórico em suas contradições constituintes. [...] A análise dialética visa a um conjunto objetivo que determina o sentido do desenvolvimento histórico (leis dialéticas da história); ela define as relações do geral com o particular em sua concretização histórica. As leis dialéticas revelam o sentido objetivo de um conjunto histórico, propõem, assim, uma espécie de *hermenêutica* do sentido objetivo da história. Bruyne (1977, p. 67).

Toda pesquisa engaja, explícita ou implicitamente, essas diversas instâncias da configuração quadripolar; cada uma delas é condicionada pela presença das outras, e esses quatro polos definem um campo metodológico que assegura a cientificidade das práticas de pesquisa (Bruyne, 1977, p. 35).

O polo epistemológico "... exerce a função de vigilância crítica. Ao longo de toda a pesquisa, ele é a garantia da objetivação, isto é, da produção do objeto científico, da explicitação das problemáticas da pesquisa. Encarrega-se de renovar continuamente a ruptura dos objetos científicos com os do senso comum" (Bruyne, 1977, p. 35). O polo epistemológico desta pesquisa – configurado pelo Materialismo Histórico-Dialético – orientou-me no estudo da política pública de educação profissional para a formação de trabalhadores, sua produção e em seu movimento no período de 2007 a 2014, na Bahia, bem como de sua articulação e alinhamentos com os desdobramentos da mesma política no plano do governo federal, considerando suas determinações sócio-econômicas no período estudado.

O polo teórico guia a elaboração das hipóteses e a construção dos conceitos. É o lugar da elaboração das linguagens científicas, "avizinha-se dos quadros de referência". "Esses quadros de referência desempenham um papel paradigmático implícito e determinam o movimento da conceituação" (Bruyne, 1977, p. 35). Esse polo me orientou para captar a especificidade do objeto. Tratou-se de se elaborar o objeto conceitualmente, os quadros de referência, com a ajuda da teoria que lhe dá concretude em sua especificidade. Este estudo, que analisa a política de educação profissional, se reporta à teoria sobre o Estado e a política pública, em coerência com o polo epistemológico. É a partir desse polo que se explicita a hipótese, as questões de pesquisa e os objetivos, além das categorias específicas do objeto – contradição, práxis social e o princípio educativo do trabalho – de modo coerente com o que o quadro teórico permitiu.

O polo técnico "... controla a coleta dos dados, esforça-se por constatar-los para poder confrontá-los com a teoria que os suscitou, tem sua vizinhança com modos de investigação particulares, que os investigadores optam, por um tipo particular de encontro com os fatos empíricos" (Bruyne, 1977, p. 36). Ele me orientou com as fontes documentais oficiais e com os dados produzidos pela pesquisa a partir de questionários e entrevistas. Na análise documental, contribuiu para a identificação conceitual das políticas; na análise de conteúdos e das entrevistas com a perspectiva histórica; no levantamento de dados quantitativos, colaborou na triangulação de fontes e dados, tanto fontes primárias como secundárias. Na revisão bibliográfica, impulsionou a busca do estado da arte. Constitui, portanto, a própria construção do método de investigação, a partir de uma análise de conteúdo histórica, articulada com as categorias do método histórico-dialético.

O polo morfológico, "... é a instância que enuncia as regras de estruturação, de formação do objeto científico. Permite colocar um espaço de causação em rede onde se constroem os objetos científicos" (Bruyne, 1977, p. 35). Orientou-me na formalização dos resultados da investigação levada a cabo através da representação do objeto agora analisado e da exposição de todo o processo de pesquisa e análise, o que permitiu a construção científica em torno dele. Ou seja, é aonde se chegou com o que se captou no processo de investigação. A partir daqui, foi possível a elaboração da sequência de capítulos e itens dos respectivos capítulos. Esse polo nos orientou acerca do modo de exposição da investigação propriamente dita, quando ela estava concluída.

Para a elaboração da tese, "a interação dialética desses diferentes polos constitui o conjunto de práticas metodológicas" (Bruyne, 1977, p. 36). As categorias do método do materialismo histórico-dialético – totalidade, historicidade, mediação, particularidade, singularidade e contradição – emergem do objeto da pesquisa, orientadas pela direção dada pelos polos epistemológico, teórico, técnico e morfológico, que produziram a materialidade das categorias analíticas e categorias empíricas para a interpretação do objeto pesquisado.

Minayo (2000, p.94) apresenta e distingue dois tipos de categorias, as *Categorias Analíticas* e as *Categorias Empíricas*. As primeiras são aquelas que retêm historicamente as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto em seus aspectos gerais. As segundas são aquelas construídas com a finalidade operacional visando ao trabalho de campo, ou a partir dele. "São as categorias empíricas que permitem apreender as determinações e as especificidades que se expressam na realidade empírica". Em Minayo (1994, p. 70), o termo *categoria*, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Ele está ligado à ideia de *classe* ou *série*. As categorias são empregadas para se estabelecerem classificações. Nesse sentido, "trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo procedimento em geral pode ser utilizado em qualquer tipo de pesquisa qualitativa"

A PESQUISA EM DIÁLOGO COM O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Cheptulin (2004, p. 5), na sua definição da natureza das categorias, seu lugar e seu papel no desenvolvimento do conhecimento, afirma que essa relação categorial está diretamente ligada à resolução do problema da correlação entre o particular e o geral na realidade objetiva e na consciência.

Entretanto, para Cheptulin, a edificação do sistema de categorias dialéticas, que considera as categorias e a sua correlação, pressupõe, como princípio de partida, a prática. É precisamente com base na prática que se formam as categorias nas quais são refletidas e são fixadas as ligações e as formas universais do ser.

Assim, as categorias de partida, na análise das categorias, devem ser aquelas que refletem o fator fundamental e determinante do desenvolvimento do conhecimento, isto é, as categorias da prática. Seguindo o desenvolvimento deste fator determinante (prática social), reproduzimos as categorias na ordem que elas aparecem no processo de evolução do conhecimento e, assim, nós as apresentamos em sua correlação e em sua interdependência naturais. (Cheptulin, 2004, p.60)

Karel Kosik (2011, p.18) afirma que o conhecimento se realiza na separação do fenômeno e da essência, do secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar a coerência interna, e, com isso, o caráter específico da coisa. O que é constitutivo do conhecimento filosófico é que, sem decomposição, não há conhecimento. Cindir a realidade para isolar o que é secundário e o que é essencial vem acompanhado de uma espontânea necessidade de percepção do todo.

A distinção entre representação e conceito, entre mundo da aparência e mundo da realidade, entre práxis utilitária cotidiana dos homens e a práxis revolucionária da humanidade, ou a “cisão do único”, é o modo pelo qual o pensamento capta a coisa em si. A dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender “a coisa em si” e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade. (Kosik, 2011, p. 20).

Na produção do conhecimento, segundo Kosik (2011, p.37), ou seja, na reprodução espiritual e racional da realidade, *em todos os seus planos e dimensões*, o fenômeno é explicado se for reduzido à sua essência, à lei geral, ao princípio abstrato. Afirma que o progresso, da abstratividade à concreticidade, é, por conseguinte, em geral um movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto.

Konder (2004) citando Marx vai afirmar que, “o conhecimento da produção daquelas condições *não* equivale ao conhecimento da vida social – é, tão somente, o componente necessário para que se inicie o seu estudo e se alcance o seu conhecimento teórico”. *A análise da vida social não é redutível à análise da produção das condições materiais que a possibilitam* – transcende-as largamente. A teoria social que é capaz de reproduzir idealmente o *processo real*, o *movimento* constitutivo da sociedade burguesa, requer o conhecimento da dinâmica da produção das condições materiais a partir das quais ela se articula e desenvolve e este conhecimento funda a teoria social e é estrato indescartável dela.

Afirma também que Marx não reconhece a existência de nenhum aspecto da realidade humana situado *acima* da história ou *fora* dela; mas admite que determinados aspectos da realidade humana perduram na história, exatamente porque o movimento da história é marcado por superações dialéticas: em todas as grandes mudanças, há uma negação, mas, ao mesmo tempo, uma preservação (e uma elevação a um nível superior) daquilo que tinha sido estabelecido antes. Mudança e permanência são *categorias reflexivas*, isto é, uma não pode ser pensada sem a outra (Konder, 2004, p.53-4).

Em Minayo (1994, p.16), “metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Dizia Lênin (1965) que o método é a alma da teoria”. O desenvolvimento da pesquisa sobre a formação humana dos egressos dos cursos técnicos da educação profissional proposta pela política pública de educação profissional no estado da Bahia (EPT) tem como pressuposto que a formação do homem, o desenvolvimento de suas potencialidades, daquilo que é peculiar ao gênero humano, tudo se dá na relação com a totalidade em que ele vive. Para tanto, importa captar as mediações que se interpõem na relação entre o próprio homem e a totalidade.

Conhecer essa totalidade – que se forma pela unidade entre a natureza, a sociedade e os próprios homens – é captar, sobretudo, as mediações históricas que a configuram. O historiador Fernand Braudel (1990, p. 9), estudioso das Ciências Sociais e da História, situa essa última dentre as ciências sociais, aquela que estuda “a duração social, os tempos múltiplos e contraditórios da vida dos homens, que não são apenas substância do passado, mas também a matéria da vida social atual”. Sublinha a importância e a utilidade da

História na dialética da duração: “... quer se trate do passado quer se trate da atualidade, torna-se indispensável uma consciência nítida da pluralidade do tempo social para uma metodologia comum das ciências do homem”.

Cheptulin (2004) esclarece que a edificação do sistema correlacionado de categorias da dialética supõe, antes de tudo, uma escolha correta do princípio de partida. Pelo princípio de partida, é possível a passagem de uma categoria a outra, ligando-se umas às outras pela relação de reciprocidade e pela relação com as formas universais do ser que elas expressam. “As categorias são, ao mesmo tempo, os produtos da consciência, da atividade cognitiva dos homens. No conhecimento, há fatores fundamentais e determinantes que marcam toda a atividade cognitiva e, em particular, seus resultados: são as categorias e a sua correlação”. (Cheptulin, 2004, p. 55-6).

A determinação reflexiva busca tratar os dois lados da realidade que se apresenta como uma “fluidificação” dos conceitos: “os conceitos funcionam **como pares inseparáveis**”. De acordo com o autor, a dialética não admite os pares de conceitos como contraposições metafísicas. Para a dialética, tais conceitos são como duas faces da mesma moeda (Konder, 2004, p. 56).

COLETA DE DADOS NAS ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

As entrevistas não foram realizadas por meio da aplicação linear e sequencial de perguntas e respostas, mas foi inspirado no referencial metodológico da *enquete operária*, pois foi feita a integração dessa técnica na entrevista. A “*enquete operária*”, foi a metodologia utilizada por Marx com os trabalhadores em 1880, como estratégia para fazê-los pensar e se dar conta de sua condição.

Para o conhecimento mais aprofundado da metodologia e da forma de realização da *enquete operária*, os estudos de Thiollent (1980, p. 30), abordam sobre os mecanismos sociais e cognitivos operantes nos instrumentos de investigação. Aponta que a *enquete operária*, como matéria de investigação sociológica, situando-se contra o empirismo e o positivismo da sociologia convencional, sem descartar, no entanto, a exigência “antiteorista” de questionar a realidade concreta. Para Thiollent (1980, p. 103-105), o questionário, tal como Marx elaborou, não seria aplicável hoje, devido às transformações do mundo capitalista. Entretanto, afirma que o importante é a concepção desse instrumento, pois o estudo do modelo serve como contraposição à concepção convencional, conduzindo à elaboração de um novo tipo de *enquete operária*, atualizado e adaptado a objetivos específicos, dependentes de uma avaliação de conjuntura sociopolítica a ser feita pelo grupo promotor. Afirma Thiollent sobre a relevância da *enquete operária* “Em vez de ser incitado a manifestar apenas sentimentos, afetos ou opiniões, o respondente é convidado a descrever o que ele conhece a partir da sua própria experiência na vida material”.

Na atividade mental do respondente, a *enquete operária* privilegia o processo cognitivo em detrimento do processo afetivo. Na *enquete operária*, a imposição de problemática que se manifesta nas perguntas, e pela ordem das mesmas, parece necessária para incitar o respondente a formular suas respostas de modo contrário à simples reprodução das ilusões vigentes no processo de produção (caráter naturalista, relações funcionais dissimulando o despotismo, etc.). Nessa etapa da pesquisa, foi o polo técnico que orientou o método de investigação a partir de uma análise de conteúdo histórica, articulam-se as categorias do método histórico-dialético.

AS ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE DOS DADOS DOCUMENTAIS E DAS ENTREVISTAS COM OS GESTORES DA POLÍTICA

A análise de conteúdo dos documentos oficiais e das entrevistas com os gestores orientou-se pela concepção de Minayo (1994, p. 77) sobre uma proposta de interpretação qualitativa, com base no *método hermenêutico-dialético*. Nesse método a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para ser mais bem compreendida. “Essa compreensão tem, como ponto de partida, *o interior da fala*. E, como ponto de chegada, *o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala*. Foram utilizados os seguintes passos para operacionalização da proposta do método hermenêutico-dialético:

a) *ordenação dos dados* – nesse momento, faz-se um mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo. Aqui estão envolvidos, por exemplo, transcrição de gravações, releitura do material, organização dos relatos e da observação participante.

b) *classificação dos dados* – nessa fase, trabalha-se com as categorias a partir do referencial teórico e do que surge como relevante nos dados.

c) *análise final* – aqui, procuramos estabelecer articulações entre os dados e o referencial da pesquisa (Minayo, 1994, p. 78). Relacionando essa fase descrita pela autora com os polos, este momento é orientado pelo polo morfológico do Bruyne. Uma das referências para a análise do conteúdo dos documentos oficiais a

epistemologia do híbrido de Mikhail Bakhtin⁴(2011), a hibridização aparece como fenômenos discursivos, pautados por duas linguagens sociais que se regeneram e se renovam de forma ambivalente. Ele considera a hibridização como “uma dimensão do entrelaçamento de “duas linguagens sociais, é o reencontro na arena de duas consciências linguísticas separadas por uma época, por uma diferença social das línguas” (Bakhtin, 2011, p.127)

Bakhtin parte do método sociológico marxista, que consiste no estudo da filosofia da linguagem como filosofia do signo ideológico. Compreende a estrutura da enunciação e da atividade mental como de natureza socioideológica. Situa a palavra no campo da ideologia, e sua utilização, mediada pela língua, está ligada à evolução ideológica.

- 1) *Não separar ideologia da realidade material do signo* (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia ou indefinível).
- 2) *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social* (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
- 3) *Não dissociar a comunicação social e suas formas de sua base material* (infraestrutura). (Bakhtin, 2014, p. 45).

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução continua, em todas as direções, de um grupo social determinado (Bakhtin, 2014, p.128).

Em Bakhtin (2014, p. 129), há uma relação de interdependência entre as relações sociais com a linguagem e, isto é, “as relações sociais evoluem (em função das infraestruturas), depois a comunicação e as interação verbais evoluem no quadro das relações sociais”. Na análise dos documentos e dos conteúdos das entrevistas com os gestores, portanto, orientada pela referência de Bakhtin (2014), considere a expressão como uma categoria geral, de nível superior, que engloba o ato de fala, a enunciação. A expressão comporta, portanto, duas facetas: o *conteúdo* (interior) e sua *objetivação exterior* (para outrem). “A teoria da expressão supõe inevitavelmente um certo dualismo entre o que é interior e o que é exterior, com primazia explícita do conteúdo interior, já que todos ato de objetivação (expressão) procede do interior para o exterior”. (BAKHTIN, 2014, p. 115).

No estudo dos documentos da política de educação profissional federal e estadual, evidenciam-se enunciados e conceitos que expressam, de modo ambíguo, híbrido e contraditório, a intencionalidade e mesmo a racionalidade em disputa das políticas públicas para a formação profissional do trabalhador, propostas pelas instituições públicas de ensino no Brasil e na Bahia.

AS ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS EGRESSOS DOS CURSOS

Para a análise dos dados do campo empírico, das entrevistas com os sujeitos egressos dos cursos técnicos da EPT, seguiu-se a concepção metodológica de Freitas (2012, p. 71) *do desenvolvimento das contradições presentes na prática*, incluindo suas possibilidades de superação. Por tratar-se de um campo empírico relativo a trabalho pedagógico desenvolvido em escola pública, adotou-se como referência o trabalho de Freitas (2012, p. 94), pelo fato de o autor apresentar uma abordagem metodológica que considero apropriada, a partir das suas pesquisas realizadas em escolas, sobre “o trabalho pedagógico desenvolvido diretamente em sala de aula e sobre a organização global do trabalho pedagógico”.

O objetivo foi evidenciar algumas categorias, sob a forma de pares dialéticos, que, materializadas no currículo escolar, foram mediadoras na formação dos sujeitos egressos dos cursos técnicos. Tal afirmação é possível a partir dos pressupostos assumidos por Freitas (2012: 1), de que na escola, inserida na hegemonia do modo de produção capitalista, há uma organização social historicamente determinada. As formas que essa organização assume, na escola, mantêm ligação com tal tipo de organização social (Freitas, 2012, p. 98).⁵

⁴ Em seus estudos sobre a filosofia da linguagem, coloca-a como um esforço para captar a natureza real do objeto que deve “... considerar a unicidade do meio social e a do contexto social imediato como condições absolutamente indispensáveis para estudar a linguagem.” (Bakhtin, 2014, p. 73, *grifos do autor*). Afirma que “... a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas de comunicação verbal. Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica. Uma análise mais minuciosa revelaria a importância incomensurável do componente hierárquico no processo de interação verbal, a influência poderosa que exerce a organização hierarquizada das relações sociais sobre as formas de enunciação.” (Ibidem, p. 44).

⁵ De acordo com Freitas (2012, p. 95), a escola capitalista encarna objetivos ou funções sociais que adquirem o contorno da sociedade na qual está inserida. Ele aceita a proposição de Mézáros (1981) de que a educação tem duas funções principais numa sociedade capitalista: 1) a produção das qualificações necessárias ao funcionamento da *economia*, e 2) a formação de quadros e a elaboração dos métodos para um controle *político* (p. 273). Destaque-se, ainda, sua vocação elitista. A escola capitalista não é para todos. É uma escola de classe,

A unidade dos contrários (as categorias sob a forma de pares dialéticos, nas evidências da pesquisa empírica) está dada pelo fato de que os pares dialéticos estão determinados pela mesma “força”: a origem social do aluno e o antagonismo de classes do sistema capitalista (Freitas, 2012, p. 244).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A RELAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA COM O OBJETO ESTUDADO

Saviani (2008, p. 21), no estudo que realizou sobre a Teoria da Escola Dualista, considera que existem duas redes que se constituem pelas relações que as definem, no aparelho escolar capitalista: a rede profissional e a rede superior. As duas redes formam uma unidade de contradição. Como aparelho ideológico, a escola cumpre duas funções básicas, mas que não são separadas: contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa.

Na Bahia, a agenda governamental e o planejamento do Estado, elaborados a partir do Planejamento Plurianual, PPA (2008-2011), vinculam, ao menos no plano formal dos documentos oficiais, a formulação, o planejamento e a realização da política de educação profissional aos Arranjos Produtivos Locais (APL), seguindo as orientações do PPA do governo federal (2004-2007). Cabe destacar que a política de consolidação de redes dos arranjos produtivos locais é administrada pela Secretaria de Indústria e Comércio da Bahia (SICM/BA), e não pela Secretaria de Planejamento, que é a responsável pela articulação e elaboração dos PPA no Estado.

Compreender uma política pública educacional para além de sua “aparência” implica um esforço para alcançar o entendimento da realidade, no sentido do concreto, tal como é apontado por Karel Kosik (2011). O materialismo histórico e dialético constitui a base teórica e metodológica do estudo e da análise da política de educação profissional de nível médio desenvolvida no estado da Bahia, na sua rede pública, a partir da vigência do decreto 5.154/04, após a revogação do decreto 2.208/97 pelo governo federal.

Dialeticamente, os dados do campo empírico foram analisados no sentido de evidenciar as contradições que emergem na materialização da referida política, especialmente quanto à realidade concreta dos jovens no território, em confronto com a categoria “inclusão social”, face ao objetivo dessa perspectiva estratégica da política. Compreendo que existem avanços significativos com a EPT no território, especialmente quanto à elevação do nível de escolaridade da juventude e à possibilidade de uma formação humana profissional e técnica que amplie as chances de uma práxis social potencial e tendencialmente transformadoras, propiciando aos jovens os meios para a produção e a reprodução de sua própria existência, pela não reiteração social da lógica estrita do modo de produção capitalista, qual seja o de produzir o trabalhador adaptado, flexível e adequado ao sistema de produção da mais-valia, o que naturaliza a forma trabalho-mercadoria como a única possível para a produção e a reprodução de sua própria existência.

A compreensão de Estado adotada a partir da dialética materialista histórica e dos estudos marxistas e marxianos extraem da análise da economia política as categorias norteadoras para a explicitação da relação entre estrutura e superestrutura, estrutura e conjuntura, o estado burguês e a sua articulação com a conjuntura. A estrutura é pensada com a economia no sentido estudado por Gramsci *Apud* Liguori (2017, p.220): “a economia não como uma ciência, mas como um sinônimo de estrutura econômica em sua relação com as superestruturas”.

O Estado, em Gramsci (ibidem 2017, p. 261), “não produz a situação econômica, mas é expressão da situação econômica”. E acrescenta: “se pode falar do Estado como agente econômico, uma vez que, de fato, o Estado é sinônimo de tal situação”. O estado, na concepção gramsciana, tem a função de produzir as classes sociais, no sentido próprio do marxismo, entretanto, rejeita-se qualquer aplicação simplista e mecânica.

O Estado só é concebível como forma concreta de um determinado mundo econômico, de um determinado sistema de produção, disso não deriva que a relação de meio e fim seja facilmente determinada e assumida o aspecto de um esquema simples e óbvio à primeira vista.

O Estado é um dos “dois grandes ‘planos’ superestruturais”, sendo o outro a “sociedade civil”. Nas sociedades ocidentais vêm esses dois planos dialeticamente unidos no conceito de “Estado integral”, usa-se também a expressão “Estado ampliado”. (LIGOURI, 2017, p. 261).

A burguesia moderna, ela própria é o produto de um longo curso de desenvolvimento, de uma série de revolucionamentos no modo de produção capitalista sob a égide, nos seus primórdios, da

industrialização, aos dias atuais, com o capitalismo financeiro. Diz o Manifesto Comunista que “a burguesia desempenhou na história um papel altamente revolucionário”. A burguesia despiu da sua aparência sagrada todas as atividades até aqui veneráveis e consideradas com pia reverência. Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência em trabalhadores assalariados pagos por ela. A burguesia arrancou à relação familiar o seu comovente véu sentimental e reduziu-a a uma pura relação de dinheiro (MARX E ENGELS, 1848, p. 3).

Ao se considerar a existência das crises cíclicas do modo de produção capitalista, sabe-se que o pleno emprego é diretamente afetado nesses momentos históricos de crises. Assim sendo, a dialética de inclusão e de exclusão se relaciona com as mediações históricas que são produzidas dentro do próprio sistema de produção, em que ora há a demanda por trabalho, ora há a retração do trabalho, com a existência de grande número de trabalhadores desempregados.

Articulou-se a “inclusão social” com a *questão social* como o processo social decorrente do modelo do Estado capitalista, com fundamento a partir de autores clássicos e contemporâneos. Compreendo, por meio de Saviani (2005), que o clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e, muito menos, ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial.